

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

101

INSCRIÇÕES 448-450



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ESTELA FUNERÁRIA DE TINHELA
(VALPAÇOS, VILA REAL)
(*Conventus Bracaraugustanus*)

Estela de cabeceira triangular, incompleta, de granito rosado de grão médio, trabalhada nas quatro faces. Para além do campo epigráfico, conserva íntegro o registo que lhe subjaz e quase toda a cabeceira, apenas afectada por fractura no topo.

Dos três registos divisíveis, corresponde o central à cartela epigráfica, de formato rectangular verticalizado, delimitada por rincão. A cabeceira é quase totalmente ocupada por trísceles sinistrógiro em relevo plano, inscrito em círculo enquadrado por dois outros diminutos círculos rebaixados, posicionados ao nível das arestas da base do remate triangular (a 45° e 315°), e por dois emblemas angulosos, ou esquadros, de pontas bífidas, igualmente em rebaixe, em posição basal (a 135° e 225°), tendo os braços verticais exteriormente alinhados pelo par de círculos referido e pela moldura do campo epigráfico. Sob este, três vãos de volta perfeita em rebaixe, posicionados lado a lado, formando arcaria, destacando-se o do meio pela largura e altura ligeiramente superiores às dos laterais. Faltando-lhe a parte inferior, não é possível asseverar que não integrasse um quarto registo a anteceder o pé.

Ressalta a mestria na lavra do suporte, destacando-se uma execução de qualidade, respeitadora de um rigoroso delineamento dos elementos ornamentais, cujo geometrismo manifesta o bom

uso de instrumentos de medição e projecção. Contrariamente às faces laterais, lisas, que receberam um acabamento esmerado, à posterior foi destinado um tratamento mais rude, aparentemente apenas resultante do talhe.

O corte sensivelmente horizontal da extremidade da cabeceira parece denunciar intencionalidade, pelo que não será de excluir um eventual reaproveitamento do suporte posterior à sua função funerária original.

O achado desta estela ocorreu, na Primavera de 2010, em terreno agrícola ocupado com plantação jovem de castanheiros, durante lavra efectuada por José Manuel Silva Lopes. Actualmente encontra-se na frente da casa da família proprietária do terreno, sita na rua da Veiga, em Tinhela,¹ tendo aí sido identificada, no Verão de 2010, por Matilde Pires Rodrigues, residente em França, que comunicou esse facto ao Professor Doutor Jorge Alarcão e a nós próprios.²

O terreno onde ocorreu a descoberta³ ladeia um grande povoado fortificado, localmente conhecido como Crasta, situado a sul da confluência da ribeira de Alvarelhos com o rio Calvo (afluente do rio Rabaçal), implantado num esporão pouco destacado, mas que permitia o controlo do sector médio do curso do rio Calvo. Trata-se de um povoado dotado de um complexo sistema defensivo, que inclui, pelo menos, duas linhas de muralha, torreão e fosso. Em termos de espólio, apenas há referência a cerâmicas enquadráveis na Idade do Ferro, o que tem levado a limitar a sua ocupação a este período⁴. Todavia,

¹ As coordenadas da casa são as seguintes: N 41° 43' 42,76"; O 7° 18' 18,66"; 601 m (WGS 84). Agradecemos a autorização que nos concedeu Lucília dos Anjos da Silva Lopes, mãe do achador, para o estudo da peça, bem como a prévia intermediação de Almerindo José Lopes, Presidente da Junta de Freguesia de Tinhela.

² A comunicação foi-nos efectuada por mensagem de correio electrónico, data de 5 de Outubro de 2010, sendo de louvar a preocupação demonstrada com a salvaguarda deste património, cujo estudo e protecção se impunham.

³ A propriedade pertence a Lucília dos Anjos Silva Lopes. O ponto da parcela onde foi exumada a peça tem as seguintes coordenadas: N 41° 42' 51,34"; O 7° 18' 42,99"; 634 m (WGS 84).

⁴ CNS: 5446. Francisco Sande LEMOS, *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*, Braga, 1993 [tese de doutoramento policopiada], vol. IIb,

a proximidade imediata do local de achado ao povoado deve deixar em aberto a possibilidade de a sua ocupação ser extensível à época romana, não estando identificado assentamento deste período nas proximidades.

Dimensões da peça: (148) x 55 x 24.

Campo epigráfico: 56,5 x 44.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / ALLA · CAL/PVRNI(i)
· F(ilia) / MVN(imentum) · P(osuit) · AI/AE · MATRI ·
P(ientissimae)

Consagrado aos deuses Manes. Ala, filha de Calpúrnio, colocou o monumento a Aia, mãe modelo de piedade.

Altura das letras: l. 1: 7 (S = 6,6); l. 2: 7,2/7,5 (L = 7); l. 3: 7/7,6 (I e F = 6,8); l. 4: 7/7,5; l. 5: 7,1/8. Margens (sup. / inf. / esq. / dir.): 3; 3,7/3,8; 1,2/2,5; 0,4/4,5. Espaços: 1: 3,3/4; 2: 3,3/3,5; 3: 2,7/3,3; 4: 3/3,3.

A paginação, sem ser perfeita, denota alguma elegância ao seguir uma disposição segundo o eixo de simetria da peça, ainda que não observada na l. 1, que se gravou mais chegada à esquerda, e ao reservar espaços interlineares bem definidos pelas linhas de altura mais ou menos regular.

A gravação vigorosa, de sulco arredondado, patenteia firmeza na execução dos caracteres de *ductus* comum, nos quais é de salientar a particularidade de os travessões serem substituídos por um ponto redondo. A interpontuação, separando em cada linha todas as palavras completas e abreviaturas é identicamente redonda.

O desenho dos MM remete para a junção de dois AA, que integralmente apresentam a especificidade referida ao nível dos travessões. Os LL apresentam as barras curtas e claramente descendentes. Estreitas são também as barras do T, do E e do F,

p. 557-558, n.º 913; Adérito Medeiros de FREITAS, *Carta Arqueológica do Concelho de Valpaços*, Valpaços, 2001, p. 341-347, n.º 1.

este com a singularidade de a barra inferior estar inserida acima do meio da haste. Os PP e RR realçam-se pela pequenez da pança, que não chega a fechar, partindo da sua extremidade, no caso dos últimos, a perna que surge comprida, apesar de pouco lançada. Os NN têm variações notórias na largura, sendo o da l. 3 claramente mais avantajado. Os II reduzem-se a traços verticais simples. O D mostra pança semicircular, avançando o seu sulco para a esquerda da extremidade superior da haste, ao passo que também se aproxima da metade de círculo o desenho do C.

Não se tendo recorrido a nexos, é destacável a quantidade de abreviaturas que se introduziram quando comparada com a extensão do texto, sendo mais impressiva nas duas linhas finais, uma vez que tanto as siglas da invocação dos Manes como a do aposto *filia* são costumadas. É ainda de referir que, nos dois casos em que foi necessário recorrer à translineação, se respeitou a divisão silábica.

Do ponto de vista linguístico, há que aludir à forma *munimentum* por *monumentum*, com a particularidade de aparecer reduzida às três primeiras letras.

O monumento é, de acordo com o texto do epitáfio, dedicado por uma filha de estatuto peregrino à mãe, que, contrariamente à dedicante, surge apenas identificada pelo idionimo. A estrutura onomástica da filha é composta por idionimo e patronímico em genitivo seguido da inicial do aposto *filia*, tomando evidente destaque na mensagem, que abre com consagração siglada aos deuses Manes. Não obstante, a relação com a defunta é claramente indicada pelo aposto *matri*, que se segue ao seu idionimo. Ambas as mulheres apresentam nomes indígenas, *Aia* e *Alla*, o mesmo não acontecendo com o progenitor da dedicante, *Calpurnius*.

Esta forma antroponímica corresponde a um gentílico latino,⁵ cuja expressão hispânica não é menosprezável,⁶ adoptado como idionimo num ambiente verosimilmente peregrino.

⁵ Heikki SOLIN e Olli SALOMIES, *Repertorium nominum gentilicium et cognominum Latinorum*. Hildesheim [etc.], 1988, p. 43.

⁶ Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia e [Madrid], 1994, p. 104-106; Barnabás LÖRINCZ, *Onomasticon Prouinciarum Europae Latinarum*, vol. 2: *Cabalicius – Ixus*, Wien, 1999, p. 25-26.

O nome *Aia* é característico da área celtibérica,⁷ sendo este testemunho único ao nível do contexto calaico. Também a origem indígena do antropónimo *Alla* parece não oferecer dúvida, sendo de evidenciar que é nas áreas ásture e celtibérica que se concentra o maior número de testemunhos.⁸ Em face desta compleição onomástica, não será de rejeitar uma eventual origem mesetenha, pelo menos, para a defunta, quiçá antiga escrava de peregrino, identificada sem *libertinatio*, com o objectivo de apagar o rasto dessa eventual pecha familiar.⁹

A abertura do texto com a invocação dos Manes e o estatuto jurídico das mulheres referenciadas são elementos importantes para balizar a cronologia do monumento, que, em função do último critério, não será posterior ao início dos meados da terceira centúria. Se a fórmula D. M. S. permitiria considerar confortável uma cronologia posterior aos finais do século I, a utilização, em sigla, do superlativo *pientissima* qualificando a defunta dá-nos a possibilidade de apertar mais o intervalo cronológico, não considerando uma datação anterior aos meados do II.

ARMANDO REDENTOR

⁷ Jürgen UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, p. 45-46, mapa 3; María de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 13-14; José María VALLEJO RUIZ, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 111-112. Tem também ocorrência, embora pouco expressiva, fora do contexto hispânico: cf. Barnabás LÖRINCZ e Franciscus REDÖ (eds.), *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum*, vol. 1: *Aba – Bisanus*, Budapest, 1994, p. 60.

⁸ María de Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *ob. cit.*, p. 18; José María VALLEJO RUIZ, *ob. cit.*, p. 114-116.

⁹ Inclusive, o nome *Aia* tem comprovação entre a onomástica indígena associada a população servil, como aponta o estudo clássico de Julio MANGAS, *Esclavos y libertos en la España romana*, Salamanca, 1971, p. 55.



448

FRAGMENTO DE INSCRIÇÃO FUNERÁRIA
DE ARRUDA DOS VINHOS
(*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento irregular de inscrição funerária romana, de calcarenito de grão fino, com forte pátina acastanhada, encontrada em contexto de obra, frente ao número 6 da Rua do Adro, uns metros mais à frente do ponto onde se procedeu a escavações arqueológicas junto à igreja matriz de Arruda dos Vinhos. Encontrava-se num camada de terra castanha com materiais de época moderna e contemporânea, que serviu de regularização ao calçetamento da rua durante os finais do século XIX ou inícios do XX, a cerca de 20-40 cm de profundidade, sobre o subsolo de margas local. Durante a escavação na área de necrópole dos séculos XV/XVI, recolheram-se fragmentos de cerâmicas romanas, que datam a ocupação do sítio desde a época republicana aos finais do Império Romano, sendo especialmente relevante um pequeno conjunto de materiais datáveis dos principados de Augusto e Tibério.¹

A epígrafe original foi partida para reutilização, de modo que não pode garantir-se que tenha sido placa ou ara, ainda que, à primeira vista, a cavidade superior sita a meio de uma espécie de almofada já muito gasta – sugerindo, inclusive, a

¹ Informações que agradeço a Guilherme Cardoso, assim como a gentileza de me haver confiado este estudo.

existência de eventual *tabula ansata* do lado esquerdo – pudesse indiciar a presença de um fóculo; é mais provável, porém, que tenha sido apoio de um gonzo de porta. Do mesmo modo, os três sulcos quase paralelos visíveis do lado esquerdo apenas nos garantem que teremos aí a face lateral original e não restos de uma qualquer molduração; contudo, a espessura actual inclina-nos para a caracterizarmos como ara.

Não nos é possível garantir a extensão da inscrição nem para o lado direito nem para baixo; contudo, tendo em atenção que o nome – como adiante se dirá – será da categoria dos nomes únicos, consideramos que temos a face lateral esquerda original, podendo a inscrição alargar-se para a direita, como temos a certeza de que teria mais linhas, de cuja segunda resta a parte superior das letras.

Dimensões: (9,5) x (26) x 24,7.

Campo epigráfico: (8,5) x (20).

VALVTIVS / [...] [FIL]IO [?] PIE[NTISSIMO] [?]

Valúcio... ao filho modelo de piedade (?).

Altura das letras: 3. Espaços: 1: 1; 2: 3.

Ainda que não visíveis, sente-se a presença prévia de linhas de pauta, mormente devido aos traços que ‘sublinham’ os vértices das letras e à regularidade da paginação; a face inscrita foi cuidadosamente alisada. A segunda barra do A é resultante de rasgo posterior; o ponto entre o V e T pode ser original, como que a separar os dois ‘incisos’ morfológicos em que a palavra se compõe. Caracteres gravados com badame, seguindo um minuta desenhada na superfície à mão levantada, sem recurso a régua, o que lhes imprime alguma cursividade (note-se a barra do L ligeiramente oblíqua).

No final da l. 1, há o vértice inferior do S. Na l. 2, a reconstituição proposta, ainda que dubitativamente, fundamenta-se no facto de nos parecer ver a parte superior de um I: o O, circular, reconstitui-se sem dificuldade, havendo também aqui um sulco provocado pelos maus tratos que a pedra sofreu. Segue-se um espaço (quicá teria um ponto de separação) e o pouco que resta de três das letras seguintes (mais um golpe houve

antes do P) autoriza-nos a propor a reconstituição sugerida, ainda que outra possa ser, verosimilmente com mais probabilidade, pois se a epígrafe, como a paleografia aponta, é datável do século I, a expressão *filio pientissimo* não seria ainda muito corrente.

Sendo nome de que, a princípio, apenas se conheciam registos na Península Ibérica, começou por ser incluído no rol dos nomes de cariz pré-romano. Assim, María Lourdes Albertos² cita a ocorrência de *Valutio* em Piñeiro de Tribes, de leitura incerta, e relaciona *Valutius* com *Valucius*, documentado na Dácia (CIL III 8077) e *Valuco*, marca de oleiro registada na Gália e na Alemanha. Não descarta ainda eventual relacionamento com *Valodus*, documentado em Sacamón (CIL II 5812). Atribui a todos estes antropónimos a possibilidade de o seu radical se basear no indoeuropeu *ual-, com o significado de «ser forte», como aliás, se observa na forma verbal latina *valere*, «ser forte», «passar bem». Cita outros testemunhos, do galês, do bretão antigo, susceptíveis de confirmarem essa hipótese, acrescentando, mais adiante (p. 290) que pode incluir-se nos nomes que apresentam um sufixo «con -t-».

O achado, sem margem para dúvidas de leitura, do patronímico *Valuti* na aldeia do Baraçal (Sabugal),³ veio confirmar a existência do antropónimo e, de certo modo, por se encontrar em contexto onomástico indígena (é o pai de um *Caturo*), assentou-se na sua característica pré-romana.⁴

Sucedee, porém, que o nome não é, de facto, exclusivo da Península Ibérica: Schulze refere-o no seu livro, atribuindo-lhe, claro, uma origem etrusca, como foi seu hábito;⁵ mas o importante é saber que, como *nomen*, se atesta em Roma: numa *tabella columbarii in aedibus Merolli*, está escrito apenas VALVTIA /

² ALBERTOS FIRMAT (María Lourdes), *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*, Salamanca, 1966, p. 242.

³ CURADO (Fernando), «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga* 18 1979 141-142 (= AE 1979, 328; registo n.º 20364 em <http://eda-bea.es>).

⁴ Em AE 1983 581= CIL II 2388, chegou a sugerir-se a leitura *Valut(ius)*, genilício de um *Paullus*, dedicante de uma epígrafe a I. O. M.; contudo, as dificuldades de leitura são grandes e outras possibilidades haverá, como o próprio editor de AE indica.

⁵ SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen* (Berlin, 1966), p. 279. Refere o antropónimo também nas p. 376 e 384.

HYMNIS (CIL VI 28 315). E em Capena – no prédio do príncipe Borghesi, junto a Castelnuovo – encontrou-se o epitáfio de *L. Valutius Rufus*, filho bastardo, mandado lavrar pela sua liberta *Suavis*, depois de decisão judicial e por disposição testamentária. Pelo *cognomen*, a *Valutia* romana foi seguramente uma liberta; quanto a Rufus, a sua condição expressa de filho bastardo, em vez de jogar a seu desfavor, pode significar que usufrui de estatuto tal que permite aos seus familiares não a ocultarem, ainda que não tenha, de momento, elementos para saber se os investigadores têm interpretado ANI que se lê na segunda linha, como eventual nome do pai (*Annius*).

No caso de Arruda, desconhecemos se estamos perante um nome único – nesse caso um *nomen* usado em vez de *cognomen* – ou se o defunto (pensamos que se trata de epígrafe funerária) apenas assim se designou. Em todo o caso, revela – como, de resto, os achados arqueológicos o confirmam – uma onomástica bem latina, a indiciar estarmos em presença de um colono itálico.

Pela paleografia e pela cronologia dos materiais que acompanhavam este fragmento epigrafado, optaríamos por o datar da primeira metade do século I d. C.⁶

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁶ Não poderia deixar de sugerir um estudo sociológico relativamente ao uso actual deste vocábulo, porque poderá radicar em algo para nós, de momento, desconhecido, que se tenha passado quer na época romana quer nalguma tradição antiga. É que *valutius* parece identificar, na linguagem corrente dos nossos dias (a nível internacional), alguém dotado de ‘força’ (cá está a base do radical atrás mencionado); e detecta-se no falar de certas camadas sociais o uso da palavra com o significado de ‘dinheiro’, como se deduzirá desta mensagem patente na Internet, datada de 15-08-2009: «Estou aqui para me desfazer de um char em silvera pois preciso de valutius».



449

ARA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA
(FUNDÃO)
(*Conventus Emeritensis*)

Ara, de granito de grão grosseiro, identificada na segunda campanha de escavações arqueológicas na Capela de São Pedro, freguesia da Capinha, concelho do Fundão, que decorreu em Setembro de 2007,¹ encontrando-se reutilizada como material de construção na parede norte do edifício.

É possível identificar o frontão triangular que encimaria o capitel, ladeado de toros. Este monumento sofreu um desbaste na superfície que se encontra visível, onde se observa uma ranhura para aplicação de encaixe. Assim, desconhecemos se era esta a face epígrafada ou se, ao invés, esta é a face posterior e, retirando-se o monumento da estrutura onde está inserido, a epígrafe se encontra do outro lado.

Dimensões: 61 x 37.

No século XIX, na sequência da desamortização e venda em hasta pública dos bens da Igreja, o edifício terá sido vendido e recuperado, pois parte daquele encontrar-se-ia arruinado na altura da sua venda. Tendo deixado de exercer funções como

¹ Esta campanha de escavações faz parte do projecto de investigação designado *Intervenção na Capela de São Pedro da Capinha* (PNTA/IPA, 2006-2009) da responsabilidade das signatárias.

espaço sagrado, ter-se-á procedido à sua recuperação de forma menos cuidada, patente no aparelho irregular observado nas paredes norte e oeste, passando, então, a funcionar como anexo agrícola. É neste contexto que a referida ara é reaproveitada como elemento construtivo da parede.

Deste local, Tapada de São Pedro, são conhecidas outras inscrições,² tanto votivas como funerárias,³ o que nos leva a colocar a hipótese da existência de um espaço sagrado anterior.

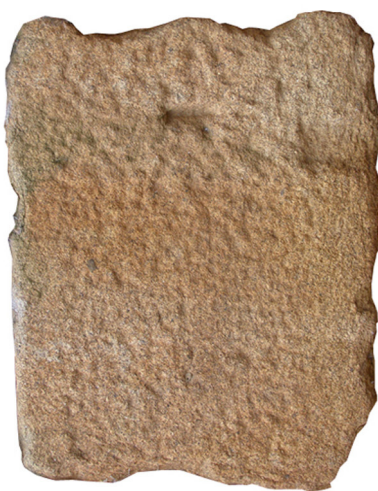
Pela sua localização, a retirada da ara é de difícil execução, pois coloca em risco a estabilidade do edifício cujas características são únicas na região.

ELISA ALBUQUERQUE

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS

² VAZ, João L. (1977), «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, inscrições n.º V e n.º VIII (p. 11-12 e 15-16); VAZ 1977: inscrição n.º XI (p. 18-20); *CIL* II 454; FE 87, 399.

³ Ana Paula Ferreira refere, na sua dissertação de mestrado *Epigrafia funerária romana da Beira Interior: inovação ou continuidade* (2004), duas inscrições (n.º 207 e n.º 212) cuja proveniência, com base nas informações de Inês Vaz (*Conimbriga*, 17, 1978, p. 60-61, inscrições V e VIII), indica ser a freguesia da Meimoa, Penamacor, Castelo Branco. No entanto, relativamente à inscrição n.º 207, Alves Monteiro (*Pequena história de um museu*, 1978, p. 76) refere que esta é proveniente da “mesma ponte da Meimoa de que se retirou a ara anterior”. Ora a ara referida anteriormente foi “retirada da ponte da Meimoa, termo da Capinha, junto da confluência da estrada nacional com a estrada municipal dos três Povos, a cerca de 1 km a sudoeste da povoação da Capinha” (p. 74), Fundão, Castelo Branco, e trata-se da inscrição a que Ana Paula Ferreira atribuiu o n.º 212. Desta maneira, podemos aferir que ambas as inscrições referidas são provenientes da ponte sobre a Ribeira da Meimoa na Capinha, nas imediações da Tapada de S. Pedro.



450